

INDICADORES ÉTICOS DE BEM-ESTAR ANIMAL E UTILIZAÇÃO DE ANIMAIS EM ENSINO E PESQUISA SEGUNDO ACADÊMICOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA FAVIÇOSA

Tácio Rodrigues Ladeira², Alessandra Sayegh Arreguy Silva³,
Adriano França Cunha⁴, Sávio Guimarães Britto⁵

Resumo: *A crescente preocupação com o ensino de qualidade e uma formação técnica adequada dos estudantes de Medicina Veterinária, com conhecimentos teóricos e práticos sedimentados, se depara com a necessidade da adequação do ensino e pesquisa com o Bem Estar Animal. Esta pesquisa se justifica devido ao fato da importância de se conhecer quem é o ingressante do curso, com relação ao seu conhecimento de Bem Estar Animal e seus anseios em relação às aulas do curso com a utilização de animais, assim como também os futuros médicos veterinários que já tiveram aulas com animais. O objetivo desse trabalho foi investigar entre estudantes de graduação do curso de Medicina Veterinária da FAVIÇOSA qual sua visão sobre a utilização de animais em ensino e pesquisa e qual seu conceito e experiência de bem estar animal. Os resultados obtidos sinalizaram a necessidade de uma mudança de paradigma quanto aos métodos utilizados através de animais vivos em ensino e pesquisa e o bom conhecimento que os estudantes entrevistados possuem de bem estar animal. Percebeu-se, ademais, que há uma preocupação crescente dos estudantes, sendo necessária a observação quanto à utilização métodos alternativos e sua efetividade no propósito almejado. Assim, a utilização de animais vivos no ensino deve ser realizada desde que essa utilização seja de forma a satisfazer o bem estar dos animais mantidos sob o controle da intervenção humana.*

Palavras-chave: *aulas com animais, estudantes de veterinária*

² Médico Veterinária – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: tacio_ladeira@hotmail.com;

³ Gestora do Curso Medicina Veterinária – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: alarreguy@hotmail.com

⁴ Professor do Curso de Medicina Veterinária – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: adrianofcunha@hotmail.com.br

⁵ Graduando em Medicina Veterinária – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: guimaraes-britto@hotmail.com

Introdução

Segundo Broom (1986), e Broom e Molento (2005), “o bem estar de um indivíduo é seu estado em relação às suas tentativas de adaptar-se ao seu ambiente”. Já Silva et. al, (2009) citam que a prática de bem-estar animal pode ser discutida de diversas formas, do ponto de vista ético, com grupos que atuam em defesa dos animais, pressionando para definições de formas legais que limitem a ação do homem no manejo com os animais.

Apesar dos crescentes movimentos em defesa dos direitos dos animais e a realização de pesquisas na ciência do bem-estar animal, ainda há falta de conhecimento suficiente no ajustamento e disponibilidade de melhor qualidade de vida para esses animais (ARANZALE et al,2007). Torna-se importante também conhecer o que é senciência, que segundo Singer (2002) “é aquele ser capaz de sentir prazer ou felicidade e ainda sentir sensações dolorosas”.

De acordo com Tannenbaum (1991) e Volpi (2009) perspectiva de bem-estar refere-se somente a algo bom ou gerador de uma vida melhor ou mais preferível. Para tal, foram criadas pela Farm Animal Welfare Council (FAWC) em 1993, as cinco liberdades, que possibilitam qualificar e quantificar o bem estar dos animais de trabalho. Segundo Freitas (2006) o “Bem-Estar Animal” designa uma ciência voltada para o conhecimento e a satisfação das necessidades básicas dos animais mantidos sob o controle do homem. Essa expressão se relaciona com conceitos diversos, além do conceito de necessidades, entre eles, sofrimento, emoções, dor, ansiedade, liberdade, medo, estresse, controle e saúde. Usando como referência o instrumento das “Cinco Liberdades” para avaliação das necessidades básicas (físicas, mentais e comportamentais) de equinos.

Entre os aspectos a serem avaliados devem ser incluídos aqueles relacionados ao comportamento, manutenção, alimentação e cuidados veterinários, elementos básicos para a manutenção de animais em condições adequadas (ENDENBURG, 1999). Millis e Nankervis (2005) afirma para se ter uma medida de um bem estar satisfatório nos animais, deve-se levar em conta, a baixa incidência de doenças e ferimentos, uma boa variedade de comportamentos normais incluindo sinais de apetite saudável, reatividade normal e um bom desempenho.

Interessante notar que BASTOS et.al, (2002) observaram uma diminuição gradativa do uso de animais na área de ensino, porque existem várias opções que são vantajosas, em vários aspectos; crescimento na mobilização dos alunos que se recusam a utilizar animais vivos em aulas, baseando-se nos direitos à liberdade e novas legislações restritivas a respeito do uso de animais com finalidade de ensino. Observaram também que a reutilização de animais na mesma prática causam danos aos animais, dependendo da técnica utilizada e conseqüentemente, um intenso grau de sofrimento. Essas descobertas indicam que motivações econômicas podem estar sobressaindo em relação às considerações éticas. A crescente preocupação com o ensino de qualidade e uma formação técnica adequada dos estudantes de Medicina Veterinária, com conhecimentos teóricos e práticos sedimentados, se depara com a necessidade da adequação do ensino e pesquisa com o Bem Estar Animal.

Material e Métodos

Foram entrevistados aproximadamente 100 estudantes ingressantes no curso de Medicina Veterinária da Univiçosa, em fevereiro de 2016 e 45 concluintes sobre sua visão sobre a utilização de animais em ensino e pesquisa e qual seu conceito e experiência de bem-estar animal.

Resultados e Discussão

Dos entrevistados, 53,5% foram do sexo feminino e 46,5% do sexo masculino. Entre os ingressantes - 59,79% foram do sexo feminino e 40,21% do sexo masculino. Entre os concluintes, a maioria dos estudantes que respondeu o questionário foi no percentual de 39,53 % do sexo masculino e 60,47 % do sexo feminino, sendo ambos, tanto ingressantes bem como concluintes possuem, em sua maioria, entre 18 e 23 anos de idade. Quando indagados se já ouviram falar sobre Bem Estar Animal 91,75 % dos ingressantes e 100% dos concluintes responderam que sim e apenas 8,25% dos estudantes nunca ouviram falar. Dos estudantes que já ouviram falar em Bem Estar Animal, 93,26% dos ingressantes e 97,67% dos concluintes marcaram a resposta a, que diz que Bem Estar Animal é o cuidado com animais, proporcionando-lhes uma qualidade de vida melhor. Sete alunos marcaram a resposta b, o que equivale a 6,74% dos ingressantes e 2,33% dos concluintes. Eles acreditam que Bem Estar Animal significa proporcionar ao animal o básico para sua sobrevivência: ali-

mentação e abrigo. Nenhum estudante marcou as opções c e d. A opção c dizia que Bem Estar Animal é ter sensibilidade com relação à vida animal, evitando-se, inclusive, alimentar-se se animais ou alimentos oriundos da produção animal, como leite e ovos. E a opção d dizia que Bem Estar Animal é não ter aulas com animais e não se admitir nenhum tipo de pesquisa ou experimento com os mesmos. Broom e Molento, (2004) descrevem o conceito de bem Estar Animal como o seu estado em relação às tentativas de adaptar-se ao meio em que vivem, referem-se a uma característica do indivíduo em um dado momento de sua vida, baseando-se em fases diferentes da vida.

Feijó et. al (2008) e Oliveira et. al (2013) descreveram que em sua pesquisa, os estudantes e até docentes não apresentaram um consenso quanto ao assunto, talvez por falta de conhecimento do mesmo e resistência dos professores ao novo método. De acordo com Diniz et.al, (2006) a tendência mundial é o desuso de animais vivos em aulas práticas e em países como Estados Unidos, Canadá, Alemanha e Itália, a maioria das universidades já não utilizam animais vivos. São utilizados alguns modelos computadorizados, como softwares, realidade virtual e ferramentas didáticas integradas. Quanto ao número de animais utilizados em aulas práticas e pesquisa, Feijó et. al (2008) encontraram o mesmo resultado desse trabalho, que corrobora com a Teoria dos 3Rs de Russel e Burch, que prevê a Redução (Reduce), refinamento dos procedimentos (Refine) e substituição (Replace) de modelos vivos, quando possível. Diniz et.al, (2006) reforçam a necessidade da substituição da utilização de animais vivos por métodos alternativos, relembrando a Lei federal de 9605/98 que prevê penalidade para a utilização de animais em experimentos que envolvam dor aos mesmos. Além disso, estabelece aos estudantes que não querem participar das aulas com procedimentos cruentos aos animais, o termo de Objeção de Consciência.

Conclusões

O resultado obtido sinalizou a necessidade de uma mudança de paradigma quanto aos métodos utilizados através de animais vivos em ensino e pesquisa e o conhecimento que esses entrevistados possuem de bem estar animal. Percebeu-se, ademais, que há uma preocupação crescente dos estudantes, sendo necessária a observação quanto à utilização métodos alternativos e sua

efetividade no propósito almejado. Assim, a utilização de animais vivos no ensino deve ser realizada desde que essa utilização seja de forma a satisfazer o bem estar dos animais mantidos sob o controle da intervenção humana.

Referências Bibliográficas

ARANZALE, J.R., FALEIROS, R.R., ALVES, G.E. Revista Brasileira de Medicina Veterinária Mais Equina, São Paulo, v.2,n.13,p. 12-17,out 2007.

BASTOS, Jean Carlos Ferreira et. al. Implicações éticas do uso de animais no Processo de Ensino-aprendizagem nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Niterói/RJ., 2002.

BROOM, D.M. Indicators of poor welfare. British Veterinary Journal, London, v.142, p.524-526, 1986.

BROOM, D.M., MOLENTO, C.F.M. Bem estar animal: Conceitos e questões relacionadas – Revisão (Animal welfare: concept and related issues – Review). Archives Veterinary Science .v.9,n.2.p. 1-11. 2004.

DNIZ, Renata et. al. Animais em aulas práticas: podemos substituí-los com a mesma qualidade de ensino? Artigo do Centro Universitário Lusíada, São Paulo, SP., 2006.

FEIJÓ, A.G.S.; SANDRES, A; CENTURIÃO, A.D.; RODRIGUES, G.S.; SCHWSNKE, C.H.A. Análise de indicadores éticos do uso de animais na investigação científica e no ensino em uma amostra universitária da área da saúde e das ciências biológicas. Scientia Medica, Porto Alegre, v.18, n.1, p.10-19, 2008.

FREITAS, M. Implicações para o bem-estar de equinos usados para tração de veículos, Direito Animal. p.65,2006.

MILLIS , D., NANKERVIS, K. Comportamento equino: Princípios e Práticas. São Paulo: Roca. p. 30-208, 2005.

OLIVEIRA, Letícia Nascimento et. al. A lei Arouca e o uso de animais em ensino e pesquisa na visão de um grupo de docentes. Artigo original, Revista Rioethikos, Centro Universitário São Camilo, 2013.

SILVA,D.D; NETO,H.L; ROSA,M.G. A necessidade de se praticar o bem estar-animal em competições equestres. Revista Brasileira de Medicina Veterinária Mais Equina, São Paulo, v.4,n.23,p. 8-10,jun 2009.

TANNEMBAUM, J. Ethics and animal welfare: the nextricable connection. Journal of the American Veterinary Medical Association, Schaumburg.v.198, p.1360-1376, 1991.

VOLPI, L. Bem estar em equinos estabulados e em transporte. 2011. 28 f. Revisão de Literatura – Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Viçosa ,Minas Gerais .